



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1329

Crônica de Guilherme de Poitiers e Crônica Anglo-Saxônica: fontes para o estudo da Batalha de Hastings (1066)

Lucio Carlos Ferrarese (LEAM/UEM)

Jaime Estevão dos Reis (DHI/LEAM/PPH/UEM)

Resumo. A Batalha de Hastings de 1066 foi um conflito de grande influência na formação da Inglaterra medieval. Nela, dois líderes entraram em conflito pela sucessão do trono inglês, os combatentes Guilherme da Normandia e Haroldo Godwinson da Inglaterra. Para o estudo desse conflito, esta comunicação tem por objetivo apresentar duas fontes contemporâneas ao mesmo, a saber a *Crônica de Guilherme de Poitiers* e a *Crônica Anglo-Saxônica*. A primeira se trata de uma crônica contendo a história da família do vencedor Guilherme da Normandia, tendo sido criada por Guilherme de Poitiers, o qual era seu capelão. A segunda é uma reunião de manuscritos e calendários, escritos ano a ano pelos monges ingleses, incluso relatos favoráveis ao derrotado Haroldo Godwinson. Para a compreensão destas fontes, utilizamos trabalhos tais como os de Pamela Porter, *La guerra medieval en los manuscritos* (2006), de Paul Zumthor, *A letra e a voz* (1993), de G. N. Garmonsway, *The anglo-saxon chronicle* (1990), e de R. H. C. Davis e Marjorie Chibnall, *The GESTA GVILLELMI of Williams of Poitiers* (2006). Nossa discussão parte do princípio de que as crônicas são fontes essenciais para a compreensão da sociedade em destaque, e concluímos que o estudos das mesmas permite ao historiador brevemente entrever a visão que os homens do passado tinham sobre si e sobre os eventos que vivenciavam, tais como a adesão ou rejeição de um novo rei como Guilherme da Normandia.

Palavras-chave: Fontes; Crônicas; Batalha de Hastings.

Introdução

A batalha de Hastings do ano de 1066 d.C. foi um conflito pela sucessão do trono inglês, cujas consequências trouxeram mudanças nos paradigmas sociais e políticos tanto para o reino da Inglaterra quanto para a Normandia, e eventualmente influenciando o relacionamento posterior entre os reinos da Inglaterra e França. Ocorrida a quase um milênio, todavia esse evento é possível de ser estudado por meio de um número considerável de fontes contemporâneas ao século XI e XII, criadas muitas vezes pelo fato de tal acontecimento ter sido tão impactante para a história desse reino. Entre essas fontes, é possível verificar várias narrativas utilizadas para a observação dos participantes e dos resultados, tanto pelo lado dos ingleses, que perderam o conflito, quanto pelo lado dos normandos, que o venceram. Em específico, citamos a *Crônica Anglo-saxônica* e a *Crônica de Guilherme de Poitiers*, fontes de autores de origens diferenciadas, por vezes díspares, apresentadores de narrativas distintas dessa batalha que moldou a história do reino inglês.

A proposta do presente texto é de apresentar uma análise acerca da história, autoria e viés de duas das fontes utilizadas para o estudo da história da Inglaterra, mais especificamente da Batalha de Hastings do ano de 1066. Compreendendo que o contexto social e o indivíduo estabelecem um resultado único na criação da fonte, o historiador percebe como a narrativa da fonte é a demonstração da visão de mundo do autor, e poderá então se utilizar deste conhecimento para a percepção dos mais variados fatores para o entendimento do homem no tempo, quer pelo foco dado pelo autor, ou mesmo pelos tópicos que este resolve não se pronunciar mais detalhadamente. Para essa compreensão, estudamos as referidas fontes, a *Crônica Anglo-saxônica* e a *Crônica de Guilherme de Poitiers*, enquanto procuramos estabelecer sua criação e criadores, bem como compreender o contexto da Europa Ocidental medieval e de seus respectivos reinos, para enfim entender a relação do

homem com a história que pretende apresentar e, por fim, com a fonte que cabe ao historiador decifrar.

As fontes

A *Crônica de Guilherme de Poitiers* e a *Crônica Anglo-saxônica*, embora sejam ambas consideradas crônicas e fontes escritas, todavia não são passivas de serem compreendidas exatamente pelo mesmo viés. A análise desses objetos deve ser cuidadosamente pesquisada pelo historiador, tal qual como com qualquer outra fonte, para se estabelecer qual objetivo o criador tinha ao escrever o que hoje nos chegou. Teria o autor escrito tudo o que desejava, ou havia pressões sobre ele para evitar determinados tópicos? O material que nos é disponível hoje é o original, ou uma cópia posterior? Teria sido escrito originalmente com erros e edições, ou estes ocorreram com as cópias? A tradução é fidedigna? Estas são apenas algumas perguntas as quais o historiador deve considerar em seus estudos sobre as fontes. Isto exposto, acerca das fontes referentes à este presente texto, apresentamos os seguintes resultados.

Primeiramente tratemos da *Crônica de Guilherme de Poitiers*. Esta se trata da *Gesta Guillelmi Ducis Normannorum et Regis Anglorum*, ou *História de Guilherme, Duque dos Normandos e Rei dos Ingleses* (THORPE, 1973, p. 25). Ela é uma crônica narrativa, que busca apresentar a vida de Guilherme e de seus antepassados de forma a exaltar os seus feitos, comparando-o a imperadores e guerreiros valorosos do passado e das lendas. De cunho claramente pró-normando, essa fonte é considerada a mais completa descrição contemporânea da Batalha de Hastings, com a qual podemos compreender outras passagens presentes em outras fontes quando relacionada aos eventos anteriores e concomitantes do embate. É passível de nota que essa obra possa ter sido influenciada ou ter influenciado as outras fontes escritas relativas à Batalha de Hastings, como a *Gesta Normannorum Ducum*, ou *História dos Duques dos Normandos*, de Guilherme de Jumièges, além da *Tapeçaria de*

Bayeux. De sua parte, é possível que ela tenha sido influenciada por textos como *De bello gallico* e variados clássicos romanos (POITIERS, 2006, p. xix), pois o autor é afeito à comparações entre Guilherme da Normandia e personagens tais como Cícero, Xerxes, César et al.

A natureza da crônica estabelece sua importância em uma sociedade em que a religião é fundamentada em uma coleção de livros, a Bíblia. O texto escrito garante aos relatos verbais e ao conhecimento dos iletrados uma permanência que, de outra forma, poderia acabar por se modificar ou se perder. Deveras, a leitura de crônicas era uma forma comum de se aproximar do texto escrito, tanto da Bíblia quanto de um poema ou uma narrativa (ZUMTHOR, 1993, p. 61). Isso implica que, embora apenas os letrados tivessem acesso ao texto, um maior número de pessoas pudesse conhecer o conteúdo desses trabalhos graças à leitura em voz alta. No caso específico da *Crônica de Guilherme de Poitiers*, esta seria lida e ouvida pelos nobres ligados à família de Guilherme, sua corte tanto normanda quanto inglesa. Para o rei normando, essa leitura serviria a um propósito de seu interesse pois é um lembrete constante à sua família e vassallos do seu poder e perspicácia, em um verdadeiro trabalho propagandístico para reafirmar seu modelo político e social pós-conquista.

Diferentemente da *Tapeçaria de Bayeux*, a *Crônica de Guilherme de Poitiers* tem seu autor claramente definido: o capelão de Guilherme, o Conquistador, um normando nascido em Préaux e que veio de uma juventude em que atuou como guerreiro. Embora não participe diretamente da Batalha de Hastings, Guilherme de Poitiers possui contato direto com os agentes presentes naquele momento. Sua posição como capelão de Guilherme faz com que possa entrar em contato com variados tipos de testemunhas dentro de sua corte, e seu passado como guerreiro faz com que compreenda ao menos as circunstâncias nas quais os combatentes e o exército normando atuam durante a guerra, levando-o a observar as campanhas e ações de Guilherme a partir de um ponto diferenciado daquele de um escritor eclesiástico que nunca tivesse experimentado a vida militar.

Nesse sentido, considerando as descrições das personagens atuantes na crônica, a elaboração desse texto é passível de ser estabelecida na década

de 1070, possivelmente entre os anos de 1073 e 1074 (THORPE, 1973, p. 32). Infelizmente, ela não sobreviveu em sua plenitude à ação do tempo, e a atual fonte a que temos acesso foi inicialmente encontrada em um manuscrito pertencente a Sir Robert Cotton, no ano de 1619, fonte que também se perdeu. A versão atual é baseada na cópia daquele manuscrito, feita por André Du Chesne e publicada em *Historiae Normannorum scriptores antiqui* (ou *Escritores da História antiga dos Normandos*). Já este estabelece que a obra se iniciara no meio de uma frase e terminara no meio de outra frase, tendo seu início e seu final perdidos, e inicia a narração com a morte do rei Cnut, em 1035, até o assassinato de um dos vassallos de Guilherme, o Conde Copsi da Northumbria, em 1067.

Como possibilidades das motivações da criação da fonte, pode-se estabelecer que seu papel como capelão de Guilherme o fariam também ser o cronista apontado pelo seu rei a criar uma narrativa, vista então tanto como histórica factual, moralmente didática, justificadora e exortadora de seu patrono para como seus descendentes e nobres próximos. Convivendo na corte do rei Guilherme, a proximidade entre ambos esses homens seria capaz de estabelecer vínculos os quais cronistas posteriores não dariam a seus escritos em relação à Guilherme, por vezes exaltando seus feitos considerados dignos consideravelmente, enquanto existe a tendência a diminuir ou não mencionar quaisquer episódios negativos de seu patrono.

Uma situação diferente ocorre com a segunda fonte. Diferentemente da anterior, não é uma criação exclusivamente contemporânea à Batalha de Hastings, porém ela perpassa os séculos antes da invasão de Guilherme, bem como tal acontecimento. Trata-se da *Crônica Anglo-Saxônica*, uma coleção de vários manuscritos criados como calendários para ajudar a contabilizar a passagem do tempo e estabelecer a data correta para a celebração da Páscoa (GARMONSWAY, 1990, p. XVIII) e que depois se tornaram registros históricos e anais dos acontecimentos da história da Inglaterra. Escritos entre os séculos IX-XII por religiosos e eruditos ingleses, mantidos em mosteiros e abadias, esses textos contam a história dos povos anglo-saxões que habitam a Inglaterra.

O estabelecimento de centros religiosos na Inglaterra do século IX é concomitante às incursões vikings, bem como está inserido em um contexto político onde existia grande independência entre as variadas regiões anglo-saxônicas. Isso acarretava a necessidade da autossuficiência política, por vezes mesmo econômica, de ducados, condados e demais delimitações administrativas, das quais as abadias e mosteiros muitas vezes eram suseranos por doações reais e de nobres.

Tendo em vista o longo tempo de duração e manutenção dessa fonte, isolada em vários locais diferentes e por instituições diversas, não é possível atribuir a criação desses manuscritos a uma única pessoa, embora a tradição dessas crônicas, se iniciadas verdadeiramente no século IX, estão relacionadas a um contexto histórico do rei Alfredo, o Grande, que teve como uma de suas características de governo o apoio e o investimento nas artes e na escrita (GARMONSWAY, 1990, p. XXVIII). Os manuscritos existentes não possuem necessariamente correlação direta entre si, visto que cada instituição guardava um manuscrito próprio e o mantinha efetivamente conforme seus escritores o desejassem. A reunião desses manuscritos em uma grande crônica, entretanto, permite a observação de variados acontecimentos e de vieses diferenciados entre os autores, complementando-se ou discordando uns aos outros referentes à história do povo anglo-saxão.

Os variados manuscritos, reunidos na *Crônica Anglo-Saxônica*, são baseados em cópias sobreviventes de manuscritos ainda mais antigos, dos quais infelizmente nenhuma cópia autêntica subsiste. Através dos estudos da filologia e de referências cruzadas, entretanto, podemos determinar a contemporaneidade deles para com os séculos acima descritos, e pela existência de sete manuscritos principais. Destes, alguns são cópias posteriores dos outros que sofreram então adições independentes a partir de certos anos, sendo, portanto, manuscritos copiados de abadias mais antigas quando da criação de outras mais novas (GARMONSWAY, 1990, p. XXXIII). Esses manuscritos, desde o mais antigo até o mais novo, são: o Manuscrito A, chamado de Crônica de Parker; os Manuscritos B e C, unidos na chamada Crônica de Abingdon; o Manuscrito D, a Crônica de Worcester; o Manuscrito E,

a Crônica de Peterborough, ou Crônica da Lauda; e o Manuscrito F, a Epitome Bilíngue de Canterbury.

Os primeiros eventos narrados datam do século I, muito anteriores à contemporaneidade dos escritores, porém perpassam os séculos IX e X e se estendem ao século XII. Esse fato providencia uma das únicas fontes acerca da história inglesa após a saída do Império Romano até as primeiras décadas da invasão normanda. Os manuscritos apresentam os anos e os respectivos eventos que os marcaram, às vezes sucintamente, outras, extensamente, tendo como foco os feitos dos homens de importância ou os eventos naturais que causam grande ruína ao reino, normalmente considerados como sinais da ira divina. Os eventos anteriores à invasão de Guilherme e a sua vitória são retratados, e essa fonte proporciona uma possível visão dos “derrotados” sobre a ocupação normanda – assim como de conquistados favoráveis a seu novo jugo.

Diferentemente da *Crônica de Guilherme de Poitiers*, a *Crônica Anglo-Saxônica* não havia sido criada para ser lida ou ouvida por um grande público, haja vista que a vida monacal era afastada da vida laica mais populosa, tornando sua capacidade propagandística pouco efetiva. Para os monges que compuseram essa crônica, o registro de eventos nos anos em que se passavam tinha outros objetivos, tais como compreender o que pensavam ser os desígnios divinos revelados na história. Isso é possível de se perceber quando a Inglaterra é conquistada por Guilherme – para a *Crônica Anglo-Saxônica*, tal evento ocorre por causa dos pecados do povo inglês, o que na concepção monacal significa maiores períodos de retiro, jejum, oração, penitência e exortação aos laicos para tentar se apagar tal mácula da alma coletiva inglesa. Os pecados da nação e o temor pelo futuro da Inglaterra são constantemente mencionados, como na seguinte passagem após a vitória de Guilherme em Hastings:

“Duke William returned to Hastings, and waited there to see if there would be any surrender; but when he realized that none were willing to come to him, he marched inland with what was left of his host, together with reinforcements lately come from

oversea, and harried that part of the country through which he advanced until he came to Berkhamsted. There he was met by bishop Ealdred, prince Edgar, Earl Edwin, earl Morcar, and all the best men from London, who submitted from force of circumstances, but only when the depredation was complete. It was great folly that they had not done so sooner when God would not remedy matters because of our sins." (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 200, grifo nosso)

Posteriormente, quando Guilherme volta para a Normandia, ele deixa alguns homens de confiança até seu retorno:

"Bishop Odo and earl William were left behind here, and they built castles far and wide throughout the land, oppressing the unhappy people, and things were ever from bad to worse. When God wills may the end be good." (THE ANGLO-SAXON CHRONICLE, 1990, p. 200, grifo nosso)

Todavia, a ligação que os superiores monásticos poderiam ter para com a nova corte inglesa faz com que alguns de seus manuscritos sejam favoráveis ao rei normando, expressando os pensamentos políticos que esse novo grupo no poder busca propagar a seus novos súditos. Nisso vemos, portanto, a *Crônica Anglo-Saxônica* não como instrumento de propaganda política, mas como possível receptora dessa propaganda.

Considerações Finais

Ao compreendermos a origem das fontes que utilizamos para nossos estudos, podemos observar claramente a atuação do homem no tempo, objetos tais que nos chegam hodiernamente depois de centenas de anos e nos permitem entrever como outras pessoas viram o mundo no passado, ou como achamos que viram. O historiador se vê numa encruzilhada, onde ele reconhece que outros homens são influenciados pelo seu contexto quando agem e criam o que ele analisa, mas também este mesmo historiador deve se

reconhecer como influenciado pelo seu contexto e vida quando analisa a vida destes homens. Ciente de sua situação, existe então ao menos um módico de possibilidade de compreensão da fontes, e dos homens, sem anacronismo ou injustiça. Compreendendo os anseios e temores dos criadores das referidas crônicas, podemos então melhor entender não apenas o que eles pretendem nos apresentar em suas narrativas, como também suas vidas e sua sociedade.

Referências

BRIGGS, Asa. **História social da Inglaterra**. Tradução: Néri Eduardo Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

DAVIS, H. W. C. (Ed.). **Regesta Regum Anglo-Normannorum (1066 – 1.154)**. Oxford: Clarendon Press, 1913, v. 1.

GARMONSWAY, G. N. (Ed.). **The Anglo-Saxon Chronicle**. London: J. M. Dent & Sons Ltd., 1990.

POITIERS, William of. The History of William, Duke of the Normans and King of the English. In: THORPE, Lewis. **The Bayeux Tapestry and the Norman invasion**. London: The Folio Society, 1973, p. 33-55.

POITIERS, William of. **The GESTA GVILLELMI of William of Poitiers**. Editado e traduzido por R. H. C. Davis e Marjorie Chibnall. Oxford: Clarendon Press, 2006.

PORTER, P. **La guerra medieval en los manuscritos**. Madrid: AyN Ediciones, 2006.

SAUL, Nigel. **The Oxford illustrated history of medieval England**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

SAVAGE, A. (Ed.). **The Anglo-Saxon Chronicle**. London: Book Club Associates, 1984.

THORPE, Lewis. **The Bayeux Tapestry and the Norman invasion**. London: The Folio Society, 1973.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. Tradução de Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira – São Paulo: Companhia das Letras, 1993.